

EDITORIAL

O ano de 2016 é um marco na construção dos espaços livres da cidade brasileira com a inauguração, à época da Olimpíada na cidade do Rio de Janeiro, de uma série de novos projetos urbanos, entre eles o Boulevard Olímpico, extensa área pública situada junto à orla da área central, que de imediato e pelo seu ineditismo atraiu milhares de usuários, a grande maioria moradores locais.

Situado em meio à extensa área localizada ao longo de um dos trechos mais antigos da área portuária, o Boulevard é resultado de um projeto complexo de renovação urbana denominado Porto Maravilha, que ainda está em processo de desenvolvimento e tem como característica a total transformação do antigo e decadente trecho da zona portuária, tanto de seus espaços livres como de sua massa edificada.



Vista da área do Porto Maravilha. Em primeiro plano o Museu do Amanhã. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. 2016.
Foto: Silvío Soares Macedo, 2016.

Até há dois anos essa área era cortada por uma das vias elevadas mais importantes da cidade, a Via Perimetral, que foi destruída para dar lugar a uma extensa área de pedestres, então cercada por galpões portuários, a maioria decadentes, com acesso praticamente nulo ao público. O projeto, polêmico pelos interesses envolvidos, o modo de produção e a transformação urbana que envolveu, teve como âncora a construção da Cidade do Samba, do Museu do Mar e do Museu do Amanhã, os dois últimos na praça Mauá, e mais recentemente a inauguração de um grande aquário.

A inauguração do Boulevard Olímpico foi positiva, pois trouxe após séculos o contato da cidade com as águas de um trecho da baía de Guanabara, fato importante para o Rio de Janeiro – cuja área central sempre esteve praticamente isolada do contato com o mar – como mais uma ação feita para fortalecer sua centralidade.

A área central carioca, ao contrário do que ocorre em outras cidades do país e do mundo, teve uma série contínua de investimentos públicos para seu desenvolvimento e manutenção desde o início do século XX, com a abertura da avenida Central (atual Rio Branco) e, depois, da avenida Getúlio Vargas – com a remodelação da Esplanada do Castelo, a reconstrução do Largo da Carioca e outras tantas ações relevantes que garantiram à área a manutenção de sua centralidade.



Calçadão da Cinelândia. Área revitalizada no final do século XX, sendo uma das ações realizadas para o incremento da área central da cidade. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
Foto: Silvio Soares Macedo, 2016.

Nessa área permanecem praticamente todas as atividades administrativas do estado e da cidade, sedes corporativas de relevância nacional, como as do Petróleo Brasileiro S.A. (Petrobras) e do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), o Teatro Municipal, parques tradicionais, um patrimônio arquitetônico extraordinário – construído durante séculos como capital da Colônia, do Império e da Primeira República –, os principais museus da cidade, centros culturais e intenso comércio, conjunto este que atrai milhares de pessoas ao local cotidianamente.

A abertura do Boulevard Olímpico pode ser considerada um marco paisagístico, pois pela primeira vez no país fez-se uma intervenção urbana de tal grandeza, resgatando o contato da cidade com a água por meio de um espaço público comum com tratamento paisagístico bastante contemporâneo. Nas duas décadas passadas algumas ações desse tipo, mas de pequeno porte, foram feitas nas cidades de Belém do Pará (Estação das Docas) e do Recife (Marco Zero), mas com certeza nenhuma com tamanha importância e visibilidade nacional.

O espaço criado se constitui em uma grande promenade que, ladeada por imensos murais/grafites, permite ao usuário contato contínuo com as águas da baía de Guanabara, conexão rápida com vários museus e centros culturais, contato com diversos prédios históricos, com a Cidade do Samba, centro operativo das principais escolas de samba da cidade, e com o Aquário do Rio de Janeiro. Boa parte dessas atrações conecta-se por Veículos Leves sobre Trilhos (VLTs).



Aberturas do Boulevard Olímpico para o mar. O contato visual com os transatlânticos aportados é agora imediato em espaços intermediados por jardins. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
Foto: Silvio Soares Macedo, 2016.



Estação das Docas. Pequeno trecho da orla portuária da cidade aberto ao público. Possui um projeto arquitetônico-paisagístico de qualidade, apesar do uso bastante restrito ao público, já que grande parte do espaço está ocupada por instalações destinadas a turistas e público de poder aquisitivo elevado. Belém do Pará, PA, Brasil.
Foto: Leonardo Coelho, 2014.

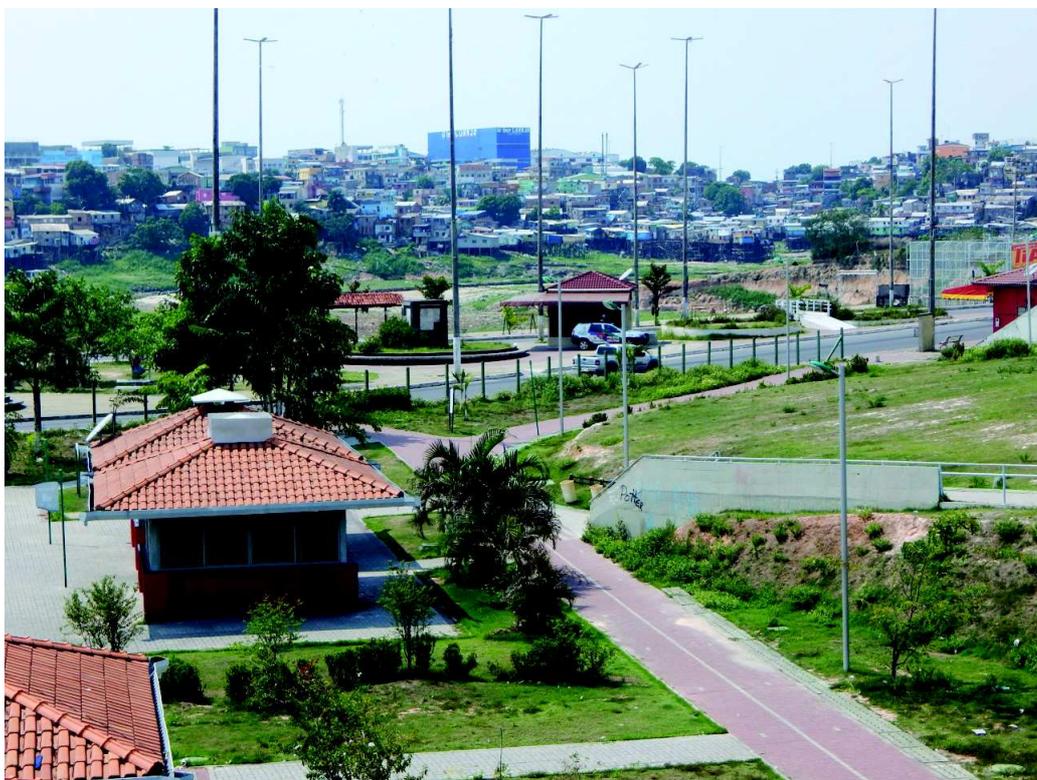


Vista do recém-inaugurado Boulevard Olímpico em agosto de 2016 (época da Olimpíada) mostrando os grandes painéis grafitados, atração turística especial do local. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
Foto: Silvio Soares Macedo, 2016.

Esse projeto urbanístico-paisagístico, sem dúvida, é um marco no espaço cotidiano urbano brasileiro das primeiras duas décadas do século XXI, pois foi praticamente o primeiro projeto de grande porte realizado em área central, equivalente apenas ao complexo de parques e espaços de lazer construído em Manaus (AM) através do Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus (Prosamin) – o que por si só é um fato paisagístico significativo.

Por outro lado, o século XXI tem visto o incremento (em quantidade e qualidade) do número de parques urbanos que crescem por grande parte das principais cidades brasileiras. É notável a quantidade de novos parques em Sorocaba (SP), Goiânia (GO), São Paulo (SP) e outros centros urbanos. O constante aumento de grandes empreendimentos privados que recebem projetos paisagísticos complexos e sofisticados levou a maior participação de paisagistas na construção e concepção dos espaços públicos, fato ainda pouco documentado e avaliado.

Há quase três décadas esta revista procura contribuir no debate e conhecimento do paisagismo brasileiro, tanto em relação à produção acadêmica quanto à avaliação da realidade do cotidiano paisagístico brasileiro. Nesta edição a **Paisagem e Ambiente** passa a ser editada em português e inglês nas suas duas versões, impressa e online. Com isso buscamos consolidar a divulgação de nossas atividades (nacional e internacionalmente), ampliando o número de leitores e colaboradores.



Parque linear em Manaus. Resultado de extenso programa de requalificação urbana do Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus (Prosamin). Manaus, AM, Brasil.
Foto: Eugenio Fernandes Queiroga, 2015.

A seção Paisagem Urbana traz a colaboração do dr. Vítor de Oliveira, coordenador do Portuguese Network of Urban Form (PNUM), com um artigo escrito especialmente para esta edição: *Forma e paisagem urbana de Lisboa é uma importante contribuição ao conhecimento da forma urbana da capital portuguesa a partir de estudos baseados no método Morpho e na legislação urbana local.*

Na seção História o texto de Marta Enokibara, *Organizações Dierberger (1893-1940)*, mostra pela primeira vez a trajetória de uma família que é referência para o paisagismo da virada do século XIX para o início do século XX em São Paulo. Até os anos 1940, os Dierberger foram responsáveis por projetos paisagísticos marcantes na cidade e no país, como os jardins de Dona Veridiana Prado no bairro paulistano de Higienópolis e a praça da Liberdade em Belo Horizonte, além de centenas de projetos públicos e privados.

Jáder Ribeiro Lima, Abner Monteiro Nunes Cordeiro e Frederico de Holanda Bastos apresentam na seção Meio Ambiente um tema importante e atual através do artigo *A influência dos aspectos geomorfológicos nas áreas degradadas susceptíveis à desertificação no estado do Ceará, Brasil*, que evidencia a gênese dos três núcleos de desertificação do Ceará. Na mesma seção, o texto *Aplicação dos conceitos e métricas de ecologia da paisagem na gestão da paisagem urbana*, de Bráulio Magalhães Fonseca, Rodrigo

Pinheiro Ribas e Ana Clara Mourão Moura mostra a contribuição dos métodos e conceitos da Ecologia da Paisagem para o planejamento municipal, utilizando como objeto de estudo o município de São Gonçalo do Rio Abaixo no estado de Minas Gerais.

A seção Pesquisa discute o papel social da atividade de pesquisa e suas interfaces com a realidade no texto *A interface entre pesquisa e extensão na discussão dos parques lineares como estratégia de requalificação da paisagem urbana*. Seus autores – Renata Baesso Pereira, Claudia Maria Lima Ribeiro, Adriano Bueno, Daniel Henrique Ribeiro, Danilo Pena Maia, Fernanda Martini, Maria Stella Angote, Ricardo Lazarin, Rodrigo Roda e Viviane Bestane Bartolo – apresentam práticas acadêmicas do grupo Programa de Ensino Tutorial do curso de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas por meio de uma experiência realizada a partir de um convênio firmado entre a universidade e a Prefeitura Municipal de Campinas para a realização de um projeto de parque na cidade.

A obra de Burle Marx é tema de um dos artigos da seção Paisagismo, *A questão da paisagem no Brasil através de Roberto Burle Marx*, de Alexandra Maria Aguiar Leister, que reflete sobre o pensamento do paisagista e sua obra. A seção também traz o artigo *Da preservação à restauração: políticas e métodos aplicados aos jardins*, de Marianna Gomes Pimentel Cardoso, que mostra a importância dos jardins históricos no Brasil e as especificidades do seu restauro.

Na seção Espaço Livres, Marieta Cardoso Maciel, Natalia Achcar Monteiro Silva, Mirelli Borges Medeiros, Priscila Schiavo Gomes da Costa e Renata Carolina Fraga Ribeiro, autores de *Os espaços livres públicos da Região Metropolitana de Belo Horizonte (MG): área conurbada do Vetor Oeste*, exibem resultados de pesquisa do Laboratório da Paisagem da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, participante da rede nacional do projeto Quadro do Paisagismo no Brasil (Quapá-SEL), avaliando o sistema de espaços livres desse trecho da cidade. O segundo texto dessa seção, *Sistema de espaços livres e espacialidades da esfera pública em favela: os casos de Paraisópolis, da Linha e do Nove em São Paulo*, de autoria de Eduardo Pimentel Pizarro, desvenda e explicita as características dos espaços livres de três favelas urbanas. Duas de pequeno porte, simples corredores de habitações, e uma das três maiores comunidades locais, praticamente uma cidade com mais de 100 mil habitantes dentro da metrópole.

Silvio Soares Macedo

Editor

Novembro de 2016